

“Unidade Timbira” – cultura e etnias em um complexo social

Thiago Ávila
Antropólogo-Wyty-Catë

A Unidade Timbira é um conceito que envolve os índios Timbira do Maranhão e Tocantins, uma população de 8.000 índios, de 07 povos, distribuídas em 07 Terras Indígenas. São os Krahô e Apinajé no norte do Tocantins e os Krikati, Gavião Pykobjê e Apaniekra-Canela, Ramkokamekra-Canela e Krepynkateyê no centro-sul do Maranhão. O objetivo aqui é detalhar a relação entre cultura Timbira e o processo de etnização dos seus sub-grupos, ou seja, como se procede a ligação destes sub-grupos em uma unidade macro dos Timbira. Em outras palavras, é mostrar como é possível haver uma unidade/uniformidade social, respeitando as variações e pequenas diferenças de conjunturas locais.

Os povos Timbira estão em contato pacífico com a sociedade nacional desde o século XIX e, mesmo com este longo período de contato, mantém muito de seus costumes rituais, políticos, cosmológicos e lingüísticos. Do ponto de vista antropológico, Curt Nimuendaju (1971 [1946]) foi o primeiro a tomar os diferentes povos Timbira como uma unidade capaz de ser analisada conjuntamente, mesmo com as sutis diferenças entre os grupos componentes do universo cultural Timbira. Nimuendaju dividiu-os em dois grandes grupos separados pelo Rio Tocantins: Os Timbira Ocidentais (que seriam os Apinajé que estão a esquerda do rio) e os Timbira Orientais (os demais povos que não o atravessaram na sua história).

Todos os Timbira Orientais se auto-denominam *Mehin* (onde “Me” é um indicador lingüístico de coletividade e “hin” pode ser por

carne ou substancia). Os Apinajé, por sua vez, se auto-denominam *Panin*, onde "pa" é um indicativo pessoal de primeira pessoa e "nin" é uma variação dialetal com significado semelhante ao de "hin". Todos os Timbira, entretanto, utilizam a expressão "*mepanin*" quando querem falar de todas as pessoas Timbira de uma determinada coletividade.

Alem desta auto-denominação comum, esse conjunto de povos compartilha um fundo cultural comum, a Forma Timbira (Azanha, 1984), que os aproxima no sistema ritual, político, mitológico, lingüístico, cosmológico e espacial. Talvez os Apinajé, considerados pela literatura etnográfica como os Timbira Ocidentais por serem os únicos a estarem em terras situadas à esquerda do rio Tocantins (Nimuendaju 1939, Da Matta 1982), sejam um caso à parte, mas com os processos de transformações culturais que vem enfrentando, estão em profundo diálogo com os outros Timbira, sobretudo para a retomada de seus principais ritos e da vida ritual cotidiana.

As sociedades Timbira são organizadas em diversos pares de metades que divide a população em grupos, organizando a produção econômica e ritual destes índios. Estes pares podem ser sazonais (representando a estação seca e a chuvosa), de classes etárias e ligados aos nomes pessoais. Vale lembrar que a transmissão de nomes é uma importante instituição da cultura Timbira, sendo que os nomes são passados por uma linha determinada e não é possível inventar ou escolher nomes aleatoriamente (Melatti 1978 e Ladeira 1982).

Esta organização dual reflete em diversos aspectos da sua estrutura social. A condução da política da aldeia é responsabilidade masculina, cuja expressão espacial é o pátio central (*kä*), onde se discutem diariamente as conduções das atividades cotidianas da aldeia, como trabalhos agrícolas, caçadas, coletas e condução da política da aldeia com os *cupẽ* (brancos). Este espaço político é também o espaço

das danças, cantorias e realização dos vários rituais que marcam o calendário dos Timbira. Isto não exclui o papel das mulheres na vida política de uma aldeia, mas formalmente os cargos de chefia de aldeias são de responsabilidade masculina. A influencia da mulher se dá nos segmentos domésticos, onde sua posição é afirmada ao marido, genros, irmãos que irão defender este ponto de vista nas reuniões do pátio central das aldeias.

A chefia política da aldeia é representada pelo *pahi* (cacique) que é muito mais um porta voz da posição da comunidade do que um planejador político. Além do *pahi*, cada aldeia Timbira tem dois "prefeitos", sempre da metade sazonal em vigência na época do ano, ou seja, durante seis meses estes prefeitos são da "seca" e, no restante do ano, da estação "chuvosa". Além disto, cada um destes "prefeitos" tem que ser de uma metade de idade. Estes "prefeitos" são responsáveis por dividir os bens coletivos obtidos pela aldeia, como a carne de uma caçada ou a carne de uma rês abatida. A divisão também segue o princípio dual da estrutura social e, os índios que aguardam sua parcela na distribuição dos "prefeitos", também estarão distribuídos em metades, geralmente as sazonais e as "temporais" (do nascente ou do poente). Estes pares de metades não têm influencia sobre o sistema de parentesco nem matrimonial.

O conselho dos velhos (măcare) representam outra instância importante na vida política dos Timbira. Estes velhos muitas vezes foram fundadores de aldeia, *pahi* (cacique) e prefeitos durante sua juventude e, com esta experiência, dão conselhos aos mais novos no pátio da aldeia, influenciando nos encaminhamentos. Nas aldeias numerosas, o conselho pode estar em um numero maior, tendo chances maiores de afirmar-se como uma instancia relevante na política interna de uma aldeia timbira. Todo *krin* experimenta também uma tensão

geracional, onde os novos sempre acusam os velhos de não se adaptarem aos novos tempos (onde o *mehin* estuda, escreve, lê e cada vez mais está “no rumo do *cupen*” como definem os próprios Timbira) e os velhos, por sua vez, acusam os jovens de não terem a experiência, paciência e sabedoria necessárias para conduzir a vida de uma aldeia e sua relação com o mundo exterior.

Talvez esteja aí, nesta tensão geracional, a idéia de conservantismo dos povos timbira. O “conservantismo” dos povos Timbira vem chamando a atenção de antropólogos ao longo do século XX, começando por Nimuendaju (1971 [1946]). Júlio César Melatti entendeu este conservantismo entre os Krahô como derivado do fato que a expansão da pecuária extensiva e de pequena escala empreendida na região não incorporou a mão-de-obra indígena (Melatti 1967). William Crocker (1990), que há mais de trinta anos acompanha etnograficamente os Ramkokamekra-Canela, considera que o conservantismo cultural desse povo deriva de seu relativo isolamento geográfico dos centros urbanos do sul do Maranhão. Estes autores acentuam fatores externos que contribuíram para que estes povos mantivessem um estilo de vida diferenciado dos sertanejos e demais regionais. Apesar de reconhecer que a dinâmica de inserção regional tenha influenciado neste quadro, consideramos a análise de Gilberto Azanha (1984) que entende a Forma Timbira como um conjunto de mecanismos da estrutura social dos Timbira suficientemente plásticos para incorporar elementos de fora, naturalizando-os na base cultural Timbira, ou então rejeitá-los.

A questão do xamanismo e práticas tradicionais de cura não foi suficientemente abordada pela produção etnográfica sobre os Timbira. Um primeiro momento etnográfico, representado pelos trabalhos de Curt Nimuendaju (1971 [1946]), procurou apresentar uma descrição da

história e organização social desses povos, simplesmente descrevendo processos de cura, trabalho dos *wajaca* e a espiritualidade timbira, sem aprofundar-se no tema.. Harald Shultz e sua mulher, a francesa Vilma Chiara, produziram artigos sobre mitos, cosmologia e estórias contadas pelos Krahô. Um desses artigos, motivado talvez pela estranheza (aos olhos ocidentais) da matança de *wajaká* (pajés) entre os Krahô descreveu a execução de médicos feiticeiros entre os Krahô, pratica comum em outros povos Timbira. Cará foi o último *wajaká* assassinado devido à acusações de que ele era feiticeiro.

Em um segundo momento da etnografia Timbira, representado pelos trabalhos de Julio César Melatti (1967 e 1978), Jean Lave (1967), Gilberto Azanha (1984) e William Crocker sobre os Canela-Ramkokamekra (1990 e 2001), o xamanismo desses povos Timbira também não recebeu uma atenção especial. A referência ao xamanismo Timbira encontra-se diluído ao longo das etnografias, o dos Krahô encontra-se no artigo escrito por Melatti (1962) e nos trabalhos de Manoela Carneiro da Cunha (COLOCA|R). Os específicos dos Canela estão nos trabalhos de Crocker (2001: 89 e ss) e Nimuendaju (1946). Recentemente, os processos de cura empreendidos pelos Krahô foram alvo de um estudo profundo buscando as correlações entre eficácia simbólica e princípios ativos (Rodrigues 2001). Esse estudo, realizado pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Estadual de São Paulo – UNIFESP, conseguiu vislumbrar amplas conexões entre as práticas curativas tradicionais dos Krahô e substâncias químicas que agem no Sistema Nervoso Central.

Historicamente, os Timbira possuíam territórios que iam do atual estado do Piauí até o Maranhão, ocupados por uma numerosa população indígena. A violência da expansão colonial nestes sertões foram dividindo os diversos povos Timbira que, até o início do século XX, ainda

mantinham relações hostis uns contra os outros. Azanha (1984) trabalha a dinâmica de expansão, cisão e guerra que marcam a trajetória dos povos Timbira e que dificultavam uma aliança política de todos estes grupos, deixando-a circunscrita a casos eventuais. Sabe-se que os Krikati e Gavião-Pykobjê tinham alianças fortes, que os Krahô e grupos Canela mantinham também uma estreita relação de aliança. É nesta aparente rivalidade e alianças entre componentes de um sistema mais amplo que a unidade Timbira se expressa e adquire relevância no contexto local. Esta unidade baseia-se em uma cultura Timbira, expressa na língua; na formação espacial de suas aldeias; nas relações de gênero e de parentesco; nos seus mitos e na sua história de contato. Todavia esta cultura Timbira atua conjuntamente com um processo de autonomia étnica, onde as pequenas diferenças dialetais e rituais são utilizadas para cada uma destes grupos Timbira afirmar-se como um "povo", neste processo de unidade macro-étnica presente entre os Timbira.

Em relação ao atual sistema de atenção e promoção da saúde indígena, os Timbira não foram contemplados com um Distrito Sanitário Especial Indígena específico para sua população (como o DSEI Xavante, DSEI Yanomami ou DSEI Kayapó). O critério administrativo-geográfico prevaleceu sobre a unidade sócio-cultural Timbira, forçando-os a ficarem em dois DSEI's diferentes (DSEI-MA e DSEI-TO), sendo tratados e assistidos conjuntamente com seus inimigos tradicionais, sejam os Carajá e Xerente no Tocantins ou os Guajajara no Maranhão. A prevalência do critério geográfico veio a dificultar a articulação de políticas e ações públicas aos 8.000 indígenas Timbira.

A idéia de um DSEI Timbira tem o sentido de propor soluções conjuntas e políticas publicas uniformizadas e sensíveis à variações locais que irão contribuir para uma efetiva melhoria da situação de

atenção a saúde para essa população indigna. Ao valorizar a unidade Timbira, esperamos poder colaborar para ações culturalmente referenciadas de combate ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas nos povos indígenas brasileiros, especificamente nos Timbira do Tocantins (Krahô, Apinajé) e Maranhão (Krikati, Gavião-Pykobjê, Krepynkateyê, Apaniekra-Canela e Ramkokamekra-Canela)

Bibliografia de Referencia:

ÁVILA, Thiago: "Não é do jeito que eles quer, é do jeito que nós quer: os Krahô e a Biodiversidade. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, 2004.

AZANHA, Gilberto: A "Forma Timbira": estrutura e resistência, Dissertação de Mestrado, USP, 1984.

CROCKER, William: *The Canela (Eastern Timbira): an ethnographic introduction*. Smithsonian Contributions to Anthropology, n. 33, Washington D.C, Smithsonian Institution Press, 1990.

-----: *The Canela: Kinship, Ritual and Sex in an Amazonian Tribe*, Thompson Press, 2001.

DA MATTA, Roberto: *A Divided World: Apinayé Social Structure*. Harcard Studies in Cultural Anthropology 6, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1982.

LADEIRA, Maria Elisa: "A troca de nomes e a troca de conjugues: uma contribuição ao estudo do parentesco timbira". Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1982.

LAVE, Jean C: *Social Taxonomy among the Krikati (Gê) of Central Brazil*, Harvard University, Tese de Doutorado, 1967.

MELATTI, Julio César: *Índios e Criadores: a situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins*, São Paulo, Editora da USP, 1967.

----- : *Ritos de uma Tribo Timbira*, São Paulo, Editora Ática, 1978.

NIMUENDAJU, Curt: *The Eastern Timbira*: University of California
Publication in American Archaeology and Ethnology. Berkeley and Los
Angeles, University of America Press, 1971 [1946].